

 <https://doi.org/10.20336/rbs.1084>



Aprendizado social e *performances*: deslocamentos da mudança social na teoria contemporânea

Social learning and *performances*: shifts in social
change in contemporary theory

Aprendizaje social y *performances*: cambios en el cambio
social en la teoría contemporánea

André Pereira Botelho* 

Alexandre de Bastos Pereira** 

RESUMO

Dando continuidade à investigação de vertentes contemporâneas da sociologia que consideram o caráter narrativo do fazer-se da sociedade, o artigo coloca em perspectiva reflexões teóricas de Klaus Eder sobre o “aprendizado social” em diálogo e contraste com as de Jeffrey C. Alexander sobre “*performances*”. O diálogo se mostra profícuo tanto pelo interesse de ambos pela diferenciação teórica entre cultura e sociedade, quanto pelas visões contrastantes mais amplas que desenvolvem sobre ordem e mudança social. Ao contrário do que se possa imaginar, em princípio, nem o “aprendizado social” produz diretamente a mudança, nem a “*performance*” garante definitivamente a ordem. Contingências comunicacionais entre sociedade e cultura devem ser seriamente consideradas nas teorizações.

Palavras-chave: aprendizado social, *performances*, mudança social, Klaus Eder, Jeffrey C. Alexander.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Professor titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
Mestre em sociologia pelo PPGSA/UFRJ..

ABSTRACT

Continuing the investigation of contemporary sociological strands that consider the narrative character of the making of society, the article puts into perspective Klaus Eder's theoretical reflections on "social learning" in dialog and contrast with those of Jeffrey C. Alexander on "performances". The dialog proves fruitful both because of their interest in the theoretical differentiation between culture and society, and because of the broader contrasting visions they develop about social order and change. Contrary to what one might imagine, in principle, neither "social learning" directly produces change, nor does "performance" definitively guarantee order. Communicational contingencies between society and culture must be taken seriously in theorizing.

Keywords: social learning, performances, social change, Klaus Eder, Jeffrey C. Alexander.

RESUMEN

Continuando la investigación de las corrientes sociológicas contemporáneas que consideran el carácter narrativo de la construcción de la sociedad, el artículo pone en perspectiva las reflexiones teóricas de Klaus Eder sobre el "aprendizaje social" en diálogo y contraste con las de Jeffrey C. Alexander sobre las "performances". El diálogo resulta fructífero tanto por su interés en la diferenciación teórica entre cultura y sociedad, como por las visiones contrastantes más amplias que ellos desarrollan sobre el orden social y el cambio. Contrariamente a lo que podría pensarse, en principio, ni el "aprendizaje social" produce directamente el cambio, ni la "performance" garantiza definitivamente el orden. Las contingencias comunicacionales entre la sociedad y la cultura deben tomarse en serio en la teorización.

Palabras clave: aprendizaje social, performances, cambio social, Klaus Eder, Jeffrey C. Alexander.

Em “As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar” (2001), Klaus Eder traça os contornos de uma sociologia do aprendizado social de forma muito instigante, que permite valorizar os processos reflexivos por meio dos quais a ação ganha significado no curso das interações. Na sua proposta, o processo de significação das ações coletivas envolve sempre um fundamento narrativo¹ da ordem social. Ou seja, as ações humanas são significadas e compreendidas de acordo com histórias (*stories*) que as estruturam em uma sequência temporalmente organizada envolvendo atores, eventos e objetos. Nesse sentido, Eder aposta em uma abordagem interacionista. O indivíduo não é o foco da análise, mas sim o processo interacional que forja subjetividades (Eder, 2001, p. 10), uma vez que, para o autor, as estruturas intersubjetivas do conhecimento são constitutivas das estruturas subjetivas (p. 25). Daí sua aposta em uma sociologia cognitiva articulada à teoria da comunicação, tal como ele formula em texto posterior, “Cognitive sociology and the theory of communicative action” (2007).

Por meio da interação os seres humanos determinam o que deve ser tomado tacitamente e o que deve ser mudado. Isso não é realizado por indivíduos excepcionais, mas por um contínuo fluxo de ‘decisões’ resultantes da permanente interação. Tais processos de aprendizado coletivo são arriscados. Eles frequentemente resultam em impasses ou autodestruição. Eles frequentemente falham porque os requerimentos para o seu sucesso são extremamente altos: eles têm de estar em conformidade com o modelo interno de processos de aprendizagem bem-sucedidos que cumprem as condições para satisfazer as exigências

¹ Contrapondo-se a Jürgen Habermas, Klaus Eder (2009, p. 71) argumenta que os discursos são apenas um subcaso de um fenômeno mais geral de ordenamento da vida social. Nesse sentido, se o discurso pode ser concebido segundo a formulação habermasiana, ou seja, como um debate entre pessoas que se reconhecem reciprocamente e cuja comunicação é pautada pela retificação e pela prevalência do melhor argumento, esse sistema estruturado de conhecimento e de prática de debate do conhecimento (Eder, 2001, p. 22) é infletido e garantido por uma ordem narrativa mais ampla que garante as bases para o reconhecimento mútuo e horizontal requerido para a prática crítica racional do âmbito discursivo. “Construções de identidade envolvem atividades de significação que não clamam por nenhuma racionalidade particular; elas são atividades que produzem uma ordem social além ou ante uma ordem normativamente justificada. Para simplificar, poderíamos chamar uma tal ordem de narrativa. Nos relatos narrativos, os atores reconhecem a si e aos outros e, portanto, inserem-se em um mundo de reconhecimento recíproco” (Eder, 2001, p. 16). A ordenação narrativa é, portanto, anterior ao discurso racional. É a ordem narrativa que permite a estruturação da comunicação em termos discursivos, ou seja, estruturada segundo determinada lógica e prática de debate.

de validade. O fracasso, portanto, é constitutivo do modelo. Apesar disso, por vezes eles são bem-sucedidos² (Eder, 2007, p. 401, tradução nossa).

Pela citação acima, é possível apreender que são justamente os limites envolvidos nas interações (o que é relevante para a comunicação e o que deve ficar de fora) – necessários para que seja possível tanto a inteligibilidade do mundo quanto das ações das pessoas nesse mundo – que trazem o risco de que o aprendizado não se realize. No entanto, mesmo o aprendizado bem-sucedido não é sinônimo de evolução cultural e ele, como assinala Eder (2001, p. 26), pode não mudar o mundo, embora forneça os elementos para mudá-lo. Promove um incremento de variação, aumentando o escopo de possibilidades de mudança.

Não há, todavia, uma definição sintética sobre o que seja o aprendizado social e nem mesmo consensos estáveis quando é empregada na teoria social, mas, a princípio, pode-se dizer que a noção envolve necessariamente a articulação de uma dimensão conflitiva da vida social, sem deixar de levar em conta sua base semântica. Acima de tudo, o aprendizado social ajuda a neutralizar a carga voluntarista e normativa da noção convencional de mudança social com que parte da sociologia tradicionalmente opera, conferindo centralidade à reflexividade da cultura nas ambiguidades e contradições da vida social (Botelho & Hoelz, 2022). Adaptando a máxima de Marx³ no seu livro menos voluntarista, mas também menos determinista, poderíamos dizer que as sociedades mudam, mas não como querem – dada a alta improbabilidade e contingência da comunicação nas relações sociais.

Nesse sentido, nosso objetivo neste estudo é discutir vertentes contemporâneas da sociologia que consideram o caráter narrativo do fazer-se da sociedade. São questões centrais, repostas no debate contemporâneo, saber se aquilo que as pessoas – e as sociedades – pensam sobre a mudança social influencia o próprio curso e as perspectivas da mudança (Botelho, 2019; Botelho & Hoelz, 2022; Smith, 2007).

² Texto original: “Through interaction human beings determine what is to be taken for granted and what is to be changed. This is not done by exceptional individuals, but by a continuous flow of ‘decisions’ resulting from permanent interaction. Such collective learning processes are risky. They often end in deadlocks or self-destruction. They often fail because the requirements for their success are extremely high: they have to comply with the internal model of successful learning processes that fulfil the conditions of meeting validity claims. Thus failure is built into the model. Yet at times they nevertheless succeed” (Eder, 2007, p.401).

³ “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas” (Marx, 1984, p. 21).

Mais particularmente, vamos colocar em perspectiva algumas reflexões teóricas de Klaus Eder em diálogo e contraste com outras de Jeffrey C. Alexander. O diálogo parece profícuo, dados tanto o interesse de ambos pelo caráter narrativo da vida social quanto pelas abordagens distintas que eles desenvolvem a partir desse problema. Em ambos os casos há uma diferenciação teórica entre cultura e sociedade extremamente importante para que se possa justamente capturar aquilo que seria o caráter narrativo e reflexivo da constituição da sociedade.

Nossa hipótese é que “aprendizado social” e “*performances*” são categorias conceituais que podem ser aproximadas e distinguidas com referência a esse campo crucial comum da teoria sociológica – a preocupação com o fazer-se reflexivo da sociedade. Embora a última categoria esteja mais ligada ao chamado “problema da ordem” na tradição funcionalista parsoniana – que perpassa, de fato, as reflexões de Alexander (Brasil Jr., 2024) – e a primeira, aprendizado, ao problema da mudança numa visada pós-habermasiana, mas que recria a questão da ação comunicativa, ambas as categorias parecem heurísticas não apenas nas respectivas formulações teóricas que integram, mas também para a sociologia contemporânea.

O interesse pelo problema teórico das relações entre semântica histórica e reflexividade social vem marcando o trabalho do primeiro autor e do grupo de pesquisa que integra. Este artigo dá continuidade a uma série de esforços que já envolveram e ainda envolvem análises da sociologia do conhecimento de Niklas Luhmann, a teoria da dupla hermenêutica de Anthony Giddens, a sociologia cultural de Jeffrey C. Alexander e o contextualismo linguístico de Quentin Skinner, entre outros (Brasil Jr., 2015; Botelho & Hoelz, 2016; Brasil Jr. & Carvalho, 2020; Pereira, 2024). Seguimos expandindo nosso repertório teórico e testando novas questões sobre o problema perene da constituição narrativa da sociedade e os processos de mudança social. O autor chave neste momento da pesquisa é Klaus Eder. Assim, na primeira seção do artigo trabalhamos a questão do aprendizado social a partir de alguns de seus textos, especialmente “As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar” (2001), “Cognitive sociology and the theory of communicative action” (2007), “Rational action, communicative action, and the narrative structure of social life” (2009), “Europe as a narrative network” (2012), “Pandora’s box” (2023) e uma entrevista concedida a

Sören Carlson e intitulada “Europe as a narrative laboratory” (2020). Já na segunda seção, trazemos Alexander como contraponto, mobilizando especialmente “Cultural Pragmatics” (2004), “Iconic Experience in Art and Life” (2008), “Hacerse héroe en la batalla democrática por el poder” (2009) e uma entrevista concedida a Frédéric Vandenberghe e intitulada “From journalism to cultural sociology (and back via Parsons)” (2019). Ao invés de uma conclusão fechada, e porque se trata dos primeiros resultados de uma pesquisa em andamento, trazemos algumas considerações que, para reforçar o caráter não fechado do que estamos propondo, emulamos título conhecido de Max Weber, Considerações intermediárias. Ao contrário do que se possa imaginar, em princípio, nem o “aprendizado social” produz diretamente a mudança, nem a “*performance*” garante definitivamente a ordem. Contingências comunicacionais entre sociedade e cultura devem ser seriamente consideradas nas teorizações.

Mudança, reparos e bloqueios

A evolução cultural, em Eder, é um processo epigenético da evolução social. Em outras palavras, é um mecanismo secundário do movimento de transformação da sociedade ao longo do tempo (Eder, 2001, p. 5). Secundário porque a cultura não é a sociedade, mas a representação semântica das estruturas sociais. São histórias (*stories*) sobre o que a sociedade é e não a sociedade em si. A sociedade, por outro lado, é o quadro organizado de relações em que essas histórias (*stories*) circulam.

A sociologia cognitiva, inicialmente concebida como resolvendo o problema de relacionar indivíduos cognitivamente competentes, finalmente desenvolve a imagem da sociedade como um modo de auto-organização das relações sociais. Tais sistemas aprendem assim como os sistemas psíquicos. O ‘cérebro’ dos sistemas sociais é ultimamente as relações sociais que a sociedade armazena nas estruturas de seu sistema. A mente desses sistemas sociais é sua ‘cultura’, as representações semânticas de suas estruturas. A comunicação está enredada nas relações sociais e a cultura provê a lógica pela qual os símbolos são conectados em comunicações contínuas. Por meio da aprendizagem e da criação de ‘cultura’, o processo evolucionário de

acumulação de relações sociais na estrutura dos sistemas sociais é desencadeado, criando sistemas expansivos de relações sociais que cobrem, de modo crescente, o mundo visível dos seres humanos.⁴ (Eder, 2007, p. 404, tradução nossa).

São as representações semânticas das relações sociais que circulam em determinada sociedade que conectam as pessoas, mantêm e expandem o quadro de relações sociais. São as histórias (*stories*) que garantem a significação e a lógica da dinâmica da comunicação que informa, mas ao mesmo tempo depende dos laços sociais – tanto os de companheirismo e mútua solidariedade, quanto os de vítima e algoz, trapaceiro e ludibriado etc. (Eder, 2009, p. 74). É a base semântica (a cultura), portanto, que garante a inteligibilidade das interações e sua lógica de reprodução ao longo do tempo, mas depende desse quadro de relações (a sociedade) para que circule e se reproduza.

Nesse sentido, tanto o quadro de relações sociais quanto as representações sobre como se dão essas relações são fundamentais para a produção e reprodução de determinada sociedade ao longo do tempo. Portanto, embora analiticamente separadas, cultura e sociedade estão imbricadas. Apesar da imbricação, a separação analítica permite pensarmos em deslocamentos e desencontros produzidos tanto por mudanças imprevistas nas relações sociais (por exemplo, surgimento ou supressão repentina de atores), demandando novas formulações semânticas sobre o que a sociedade é, quanto o surgimento de formulações semânticas sobre a sociedade em desacordo com o quadro de relações sociais existentes e com as representações pretéritas (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 108). A separação, portanto, é heurísticamente rica por nos permitir tratar cultura e sociedade em termos de interação dinâmica e não em termos de isomorfismo – que pode surgir em alguns momentos, embora sua duração seja temporária (p. 108) ou primazia de um polo sobre outro.

⁴ Texto original: “Cognitive sociology, initially conceived as solving the problem of relating cognitively competent individuals, finally develops the image of society as a mode of self-organizing social relations. Such systems learn as psychic systems do. The ‘brain’ of social systems is ultimately the social relations a society stores in the structures of its ‘systems. The mind of these social systems is their ‘culture’, the semantic representation of its structures. Communication is embedded in social relations and culture provides the logic by which symbols are connected in ongoing communication. Through learning and creating ‘culture’, the evolutionary process of accumulating social relations in the structure of social systems is set off, creating expanding systems of social relations that increasingly cover the visible world of human beings” (Eder, 2007, p. 404).

Nesse sentido, reagindo sobre as incertezas do mundo que as cerca, as pessoas envolvidas na interação são incitadas a reformular o conhecimento prévio e produzir respostas adequadas para a definição do que poderia ser bom ou ruim, certo ou errado, verdadeiro ou falso (Eder, 2001, p. 25). No entanto, o próprio quadro de relações sociais precisa ser rearticulado nesse processo de lidar com as incertezas, de modo que a produção e reprodução do mundo a partir dessas novas formulações seja possível.

O que acontece, então, não é que os indivíduos simplesmente aprendem e estabelecem novos significados e novas regras para seguirem adiante, mas que as relações sociais têm que ser reorganizadas para abrir espaços de comunicação que possibilitem a criação de novas formas de conhecimento ou a reconstrução de velhas formas de conhecimento. Nesse processo, as relações sociais são elas mesmas redefinidas. As regras de relações sociais de comunicação têm que ser encontradas para que: (1) se adquira novos conhecimentos; (2) se armazene tal conhecimento; e (3) se transmita esses conhecimentos de acordo com a mudança natural e/ou social dos atores nos espaços de comunicação. O aprendizado é tanto a criação de universos discursivos como a introdução em relações discursivas (Eder, 2001, p. 25).

Todavia, aprendizado não é sinônimo de evolução cultural. Ou seja, nem toda nova formulação semântica sobre o que é a sociedade é armazenada e reproduzida pelo conjunto da sociedade. Para o autor alemão, há níveis de aprendizado diversos e com inclusão crescente (individual, organizacional, institucional e social) (Eder, 2001, p. 20; 2007, p. 402) que podem ser potencializados uns pelos outros: o aprendizado individual, embora dependente do aprendizado coletivo acumulado – que garante um quadro cognitivo pelo qual o indivíduo pode se reconhecer e reconhecer os outros e o ambiente ao seu redor e se situar no mundo –, traz a possibilidade de que o indivíduo interpele e inste o aprendizado coletivo acumulado a dizer mais do que era previsto anteriormente, alterando suas percepções individuais; mas também o aprendizado coletivo pode se nutrir das variações individuais. No entanto, se cada nível de aprendizado tem a possibilidade de potencializar o aprendizado nos outros níveis, isso não necessariamente ocorre. Há também a produção de regras interativas que visam inibir o aprendizado, diminuindo os riscos advindos do questionamento constante dos quadros narrativos e sociais. “Muito aprendizado torna-se confuso. E os efeitos das mudanças no

conhecimento e nas normas estão além do alcance das intenções humanas. Portanto, o próprio aprendizado torna-se um risco” (Eder, 2001, p. 25).

Daí, portanto, que, por mais que novas experiências sejam adicionadas ao rol de conhecimento, assim como novos sistemas de regras possam surgir, abrindo margem para que outras experiências possam ser adicionadas ao conhecimento existente, esse aprendizado não implica necessariamente evolução cultural. Ele pode ocorrer em níveis menos inclusivos e não ser selecionado pelos níveis mais inclusivos, assim como, mesmo quando ocorre em níveis mais inclusivos, essas instituições podem acabar. De modo que, não só indivíduos, mas grupos, organizações e instituições têm um tempo de vida limitado, e o aprendizado produzido por eles pode ser simplesmente esquecido, deixando de operar na lógica comunicativa da interação de uma sociedade (Eder, 2001, p. 26).

Nesse sentido, embora o aprendizado nos diferentes níveis seja fundamental para que a evolução cultural se dê e a sociedade se represente de outro modo, alterando sua organização, pode haver, no âmbito cultural, uma heterogeneidade de formulações sobre o que a sociedade é e por quais reparos sociais ela precisa passar. Afinal, como argumenta Eder (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, pp. 106-107), o que deve preocupar a sociologia não são exatamente as mudanças sociais, mas os reparos. Crises no quadro cognitivo que permitem aos humanos interagir entre si e lidar com o mundo acontecem a todo momento, o que implica que a todo momento são realizados movimentos de reparo social. Importa, portanto, refletir sobre o sentido do movimento que esses reparos conformam, uma vez que os sentidos do reparo limitam as possibilidades futuras para novos reparos (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 107).

O reparo pode tanto implicar a retificação de postulados passados, abrindo a cultura para novas experiências e novos atores ao alterar as lógicas de comunicação simbólica e o quadro de relações que elas exigem e significam, quanto o bloqueio de novas experiências e atores a fim de eliminar o risco. No aprendizado, portanto, há a introdução do elemento disruptivo no quadro referencial do mundo, o que implica o alargamento do quadro. No bloqueio, por outro lado, o reparo é operado pela significação do evento como algo excepcional e passível de ser eliminado pela atuação correta de determinada sociedade. Ou seja, o risco é tratado como desvio causado por algum fator externo a ser eliminado também por algum agente externo à sociedade, e não como algo interno e que exigiria que a sociedade

se alterasse internamente para lidar com os novos acontecimentos. O aprendizado se daria, conforme argumenta Eder, como no conto do barão de Munchhausen, em que o indivíduo preso no pântano sai da situação ao se puxar pelos próprios cabelos. Quando as sociedades aprendem, portanto, elas se tiram das situações de incerteza pelos próprios cabelos. Algo diverso ocorre quando as sociedades bloqueiam o aprendizado. Nesse caso, é preciso um herói intervir para tirar a sociedade da situação causada por algum fator externo (Eder, 2023, pp. 147-148).

O aprendizado social e o bloqueio, para Eder, estão diretamente ligados ao modo como as sociedades lidam com o futuro quando as situações de incerteza ocorrem. O aprendizado implica uma abertura para o futuro, alargando as relações e o horizonte de inteligibilidade de experiências. O bloqueio, por sua vez, implica a reiteração, em narrativas em que novas experiências não devem ser levadas em conta. O povo como tal já está formado e o seu futuro dado de antemão. “Tal povo já sabe quem ele é – a história (*story*) do povo tem um fim fechado que deriva de algum começo no passado. Tal povo não mais precisa de um futuro uma vez que o fim da história (*story*) está claro. Tal povo chegou ao ‘fim da história’”⁵ (Eder, 2023, p. 148, tradução nossa).

Embora tenhamos enfatizado a dicotomia entre aprendizado e bloqueio, o contraste tem fim meramente elucidativo. E a grande questão que parece ocupar Eder não é a antinomia entre aprendizado e bloqueio, mas sua convivência mútua, embora com gradações e ênfases diversas. Nos momentos de crise, os reparos sociais podem operar com uma ênfase mais aberta ou fechada. No entanto, mesmo nas esferas de interação orientadas pela racionalidade (em que as regras de interação implicam reconhecimento recíproco mais horizontal, a diversidade de argumentos é valorizada e a comunicação é pautada pela lógica da retificação, do poder do melhor argumento) não deixa de existir uma base narrativa que limita quem são os outros relevantes, assim como quais são os aspectos do ambiente pertinentes à comunicação.

A lição que eu aprendi com o passar do tempo foi que nenhum debate racional pode se desacoplar das identidades que são o produto do passado. Identidades sempre interferem com a comunicação racional [...] Essa ideia evoluiu posteriormente e culminou na suposição de que toda forma de argumentação racional está enredada em narrativas que proveem a base

⁵ Texto original: “Such a people already know who they are – the story of the people has a closed end which derives from some beginning in the past. Such a people no longer need a future since the end of the story is clear. Such people have arrived at the ‘end of history’” (Eder, 2023, p. 148).

para que vejamos nossos caminhos de engajamento na comunicação racional como algo natural. Portanto, sem olharmos para essas suposições naturalistas tácitas, não poderemos compreender por que a comunicação racional é bem-sucedida ou fracassa. Ela é mais bem-sucedida quando aqueles que se comunicam entre si compartilham a narrativa que é fixada (pelo bloqueio narrativo do curso dos eventos), i.e., pela construção de uma identidade coletiva. Ela falha quando uma tal identidade não é dada. Esses casos extremos apontam para o papel dos fundamentos narrativos: à medida que as narrativas evoluem, identidades se dissolvem e são refeitas, e as condições para o sucesso ou o fracasso da comunicação mudam.⁶ (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 105, tradução nossa).

Tanto a troca econômica (o mercado), pautada pela busca da maximização do interesse individual, quanto a argumentação racional (discurso no sentido habermasiano), pautada pela retificação dos argumentos ruins em prol do melhor argumento, não deixam de ter como base uma narrativa mais fundamental que permite aos envolvidos se entenderem no processo comunicativo. E, embora mercado e discurso – assim como a ciência e a arte, além de outros sistemas diferenciados na modernidade –, sejam, para Eder, sistemas funcionais auto-organizados que se fecham para outras ações que não aquelas relevantes para a contínua reprodução do sistema ao longo do tempo (Eder, 2009, p. 72), o custo da exigência de que os atores entrem nessas esferas como indivíduos, abrindo mão de sua história e experiência pretérita e agindo somente em prol de seus interesses racionais individuais ou em prol da moralidade universal, alheia a interesses particulares, é muito alto e nunca pago por completo.

Algumas sociedades oferecem possibilidades de distanciamento de tais vínculos narrativos ao oferecerem um mundo narrativo-livre, tal como o do intercâmbio econômico ou do debate argumentativo. Tais possibilidades permitem liberdade da narrativa básica e reflexividade sobre ela. Mercado e discurso fazem exatamente isso.

⁶ Texto original: “The lesson I drew in the course of time has been that no rational debate can decouple itself from the identities that are the product of the past. Identities always interfere with rational communication. [...] This idea evolved further and ended in the assumption that any form of rational argumentation is embedded in narratives that provide the basis for seeing our ways of engaging in rational communication as natural. Thus, without looking into these unspoken naturalistic assumptions, we cannot understand why rational communication succeeds or fails. It succeeds best when those communicating with each other share a narrative that is fixed (by blocking the narrative course of events), i.e., by constructing a collective identity. It fails when such an identity is not given. These extreme cases point to the role of narrative underpinnings: since narratives evolve, identities dissolve and are remade, and the conditions for success or failure of communication change” (Eder, interviewed by Carlson, 2020, p. 105).

No entanto, eles permanecem ligados ao elo narrativo que eles não podem romper sem o risco de destruir o laço social. Mercados estão enredados na estrutura narrativa do mundo da vida assim como os discursos.⁷ (Eder, 2009, p. 75, tradução nossa).

Tanto o mercado quanto o discurso argumentativo demandam um quadro básico de compreensão mútua (seja em termos de solidariedade, seja em termos de inimizade) que garanta que as interações possam ter lugar de modo bem-sucedido. O produto precisa ser entendido como produto, assim como o consumidor precisa ser entendido como tal. Além disso, a troca depende da compreensão mútua sobre o que é a propriedade privada e o que a garante (por que uma água envasada é propriedade privada e a água do rio não?)

No âmbito do discurso, por sua vez, se a manutenção da interação nos termos do debate racional depende de regras próprias, para entrar nessa esfera é necessário um entendimento básico do que o outro está dizendo. Sem o mínimo de fidelidade narrativa, as pessoas não conseguem se comunicar umas com as outras. O debate normativo só é possível quando há uma base sobre o que se negociar. Para que bem e mal sejam discutidos, primeiro é necessário o compartilhamento básico sobre o que é o mundo. Daí se parte para o debate sobre o que fazer com ele.

Conflitos, mal-entendidos e relações de poder resultantes de mundos da vida sem sobreposição de sistemas cognitivos são típicos do que se tornou o problema do ‘conflito étnico’ e ‘multiculturalismo’ na sociologia hodierna. Os processos que criam compatibilidades ‘culturais’ e incompatibilidades são processos de coordenação de sistemas cognitivos, não de expectativas normativas. Tais conflitos estão situados no nível das ‘estruturas profundas’; eles não são negociáveis uma vez que eles se referem a pressuposições que constituem o mundo da vida. Ordens normativas são contratadas; na medida em que são negociadas, elas se referem ao que pode ser chamado de ‘estruturas de superfície’. Estruturas profundas se referem a regras e estruturas de superfície ao uso prático dessas regras, a ‘performances’. Conflitos

⁷ Texto original: “Some societies offer possibilities to distance from such narrative bonds by offering a narrative-free world of economic exchange or argumentative debate. Such possibilities allow for freedom from and for reflexivity toward the narrative basis of social life. Market and discourse do exactly that. Yet, they remain tied to the narrative bond that they cannot do away with without risking to destroy the social bond. Markets are embedded in the narrative structure of the lifeworld as well as discourses are” (Eder, 2009, p. 75).

sobre performances podem ser resolvidos por negociações; conflitos sobre estruturas profundas não podem nunca ser negociados. Eles têm de ser aceitos por enquanto⁸ (Eder, 2007, p. 397, tradução nossa).

No entanto, ainda que Eder chame a atenção para os bloqueios e dificuldades, as sociedades aprendem. As narrativas básicas são alteradas com o tempo e as identidades coletivas são feitas e refeitas (Eder, 2023, p. 149). O fluxo do mundo não pode ser interrompido e as situações de risco que trazem incertezas para as narrativas básicas não deixam de acontecer. Além disso, a própria diferenciação funcional da sociedade, que permite a abertura de esferas de interação mais afins às incertezas (como o mercado, a ciência, o discurso argumentativo etc.) pode ter como consequência, quando levamos em conta a reflexividade da vida social, a alteração da narrativa básica.

Mercados e discurso estão enredados em elos narrativos e oferecem a possibilidade de intervenção nesses elos pela adição seja de motivos racionais ou argumentos morais à história (*story*). Algumas vezes eles mudam a história (*story*), apesar disso, eles nunca saem da história (*story*)⁹ (Eder, 2009, p. 75, tradução nossa).

Ainda que chamando a atenção para a reflexividade e para as disputas existentes em torno das narrativas que organizarão as relações a partir dos momentos de crise, o ponto ressaltado por Eder é que essas alterações se dão em termos de variação, são sentidos alternativos surgidos das narrativas pretéritas e não a simples troca de um quadro de relações por outro. É uma teoria que estabelece limites para a ruptura. O novo é retificação do passado e não algo surgido do nada. É uma mudança no sentido do movimento, mas o movimento pretérito tem de ser levado em conta para que a mudança seja entendida e se torne inteligível para aqueles a quem ela diz respeito.

⁸ Texto original: "Conflicts, misunderstandings and power relations resulting from life-worlds with no overlapping cognitive system are typical of what has become the problem of 'ethnic conflict' and 'multiculturalism' in today's sociology. The processes that create 'cultural' compatibilities and incompatibilities are processes of coordinating cognitive systems, not normative expectations. Such conflicts are situated at the level of 'deep structures'; they are not negotiable since they refer to presuppositions that constitute a life-world. Normative orders are contracted; insofar as they are negotiated, they refer to what can be called 'surface structures'. Deep structures refer to rules and surface structures to the practical uses of these rules, to 'performances'. Conflicts over performances can be resolved by negotiation; conflicts over deep structures can never be negotiated. They have to be accepted for the time being" (Eder, 2007, p. 397).

⁹ Texto original: "Markets and discourse are embedded in narrative bonds and offer possibilities for intervening into these narrative bonds by adding either rational motives or moral arguments to the story. Sometimes they change the story, yet they never step out of the story" (Eder, 2009, p. 75).

É por isso que aprendizado e bloqueio sempre andam juntos. O grande desafio é articular movimento e fixidez (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 113). E o erro, mais que isso, a significação da ação humana como passível de erro, traz ao primeiro plano, mesmo nas narrativas mais fechadas, a necessidade de que, em determinados momentos, alguma ação seja tomada para que o rumo do mundo tal como concebido por determinado grupo possa continuar existindo. Daí a existência, no enredamento narrativo, de alguns papéis com maior margem de ação, aptos a propor novos sentidos para o mundo quando as incertezas aparecem. O ponto é pensar em graus de abertura e fechamento. Eder não propõe uma abordagem binária, mas cromática. Há narrativas que conferem maior ou menor margem para a ação contra as incertezas, ou seja, para a efetivação do reparo social. Maior ou menor abertura, por sua vez, estão articuladas a maior ou menor inclusividade. Sociedades mais hierárquicas permitem menor margem de ação nos momentos de risco. Um número reduzido de papéis, de atores, que podem agir nos momentos de risco. Sociedades mais horizontais, por sua vez, garantem maior margem de ação, permitem um maior número de interações entre atores com visões divergentes sobre que sentido tomar quando a narrativa básica é colocada em xeque (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 108).

Mas é importante ressaltar que a margem de ação dos atores não é inata, ela é garantida, exigida e possibilitada pela interação. Determinadas interações exigem que o ator se posicione compreendendo a motivação de suas ações como advindas de seus interesses individuais egoístas, outras, que vise argumentos morais universalizáveis. “Ao restringir o escopo dos eventos de ação relevantes em tais situações, mercados se tornam especializados em escolhas racionais e discursos em bons argumentos”¹⁰ (Eder, 2009, p. 76, tradução nossa).

A interação, portanto, não organiza interesses individuais, mas a própria interação que, para continuar existindo, requer dos atores que se portem e ajam segundo determinadas regras que permitam a continuação da interação ao longo do tempo. Nesse sentido, todos os atores agem dentro dos limites da estrutura sequencial da narrativa básica que garante a inteligibilidade do mundo (Eder, 2012, p. 51). Mas mesmo agindo de dentro, podem questioná-la, propor retificações e novos sentidos. Portanto, a variação ou bloqueio estão intimamente conectados à estrutura narrativa passada e à sua lógica de conexão sequencial de eventos.

¹⁰ Texto original: “By restricting the scope of relevant action events in such situations, markets become specialized on rational choices and discourses on good arguments” (Eder, 2009, p. 76)

E é devido justamente ao surgimento das narrativas como propriedades emergentes da interação humana, que regram as interações de modo a possibilitar uma comunicação contínua, que as narrativas contêm em si papéis privilegiados a serem desempenhados por atores nos momentos de risco. Pois, se a comunicação corre o risco de ser interrompida por algum evento imprevisto, faz-se necessária a existência de mecanismos de correção de rumos e reestabelecimento da continuidade da interação. Esses papéis são variados e mais ou menos inclusivos. Há, assim, sociedades que conferem esse papel a mitólogos, intelectuais, jornalistas (Eder, 2001: 22), outras a reis, assembleias democráticas, comunidades solidárias (Eder, em entrevista a Carlson, 2020, p. 107) e outras ainda ao povo constituído em termos nacionais, soberanistas ou populistas (Eder, 2023, pp. 143-145).

Cada configuração traz consigo fronteiras e aberturas, dado que qualquer possibilidade de aprendizado e retificação exige um mínimo de entendimento comum sobre o que é o mundo. Assim, por mais que as sociedades aprendam, dado o fluxo contínuo do mundo e as inevitáveis situações de incerteza, o fazem com certa dificuldade, uma vez que muito aprendizado torna-se arriscado para a manutenção do quadro cognitivo compartilhado. Mas nos momentos de incerteza, abre-se sempre a possibilidade de que novos sentidos sejam assumidos e a sociedade se tire do pântano pelos próprios cabelos (Eder, 2023, p. 150); de que as identidades sejam configuradas de modo mais aberto e passível de retificação; de que o futuro não seja interpretado como resultado final de uma história dada. Essas possibilidades residem nas variações narrativas produzidas cotidianamente por grupos, organizações e instituições, mas sua preponderância sobre outras dependerá de como se sairão no conflito com alternativas mais fechadas e essencializantes.

Em casos de pequenos ou grandes reajustes das narrativas dominantes, janelas de oportunidades aparecem e são usadas, seja para o bem ou para o mal. No último caso, nós vemos a esfera pública fomentando efeitos perversos que podem até minar a própria esfera pública. No outro caso, nós podemos ver traços do que podemos chamar de processos de aprendizado coletivo. Que eles mudem o mundo é um evento raro em um mundo cheio de eventos [...]. Que tais eventos irritem é a esperança que resta¹¹ (Eder, 2023, p. 150, tradução nossa).

¹¹ Texto original: “In cases of small or major readjustments of the dominant narratives windows of opportunities pop up that are used, whether for the good or the bad. In the latter case, we see the public sphere as fostering perverse effects that might even undermine the public sphere itself. In the other case, we might see traces of what we can call collective learning processes. That they change the world is a rare event in an eventful world [...]. That such events irritate is the hope that is left” (Eder, 2023, p. 150).

Como ressaltado na citação acima, contudo, o conflito não é definido em termos de vitória ou derrota, mas de graus de abertura. A variação produzida por grupos, organizações e instituições não passa a pautar o mundo a partir de determinado momento de incerteza. Dadas as constelações macrossociais e macro-históricas em que estão envolvidas as variações narrativas (Eder, 2001, p. 26), a esperança do aprendizado em níveis menos inclusivos é de deixar traços na narrativa básica do que se pode chamar de aprendizado coletivo. O aprendizado, portanto, opera mais como um estoque de variação a que a sociedade em termos mais amplos pode selecionar para a operação de sua lógica de interação do que como vitória de um projeto sobre outro a partir de determinado momento. Fixidez e movimento andam sempre juntos.

Então, para que servem os processos de aprendizado? Eles servem à evolução porque fornecem mais possibilidades. Eles não mudam o mundo, mas fornecem os elementos para mudá-lo, para prosseguir com a mudança. Processos de aprendizado no nível dos grupos, das organizações e das instituições produzem variações para que se produza maior variabilidade para a evolução da sociedade. [...] Eles fornecem o material que a sociedade seleciona para sua reprodução contínua. Essa é a evolução fundamentada nos processos de aprendizado social, e nesse sentido as sociedades aprendem (Eder, 2001, pp. 26-27).

Há, portanto, na teoria de Eder, a assunção de que existem múltiplas representações sobre o que é a sociedade, sobre como as pessoas se organizam e deveriam se organizar. E está no campo da disputa os sentidos que o mundo pode tomar. Todavia, mesmo as propostas mais inovadoras não deixam de ser variações da narrativa básica que permite às pessoas de uma sociedade coordenar suas ações e entender o mundo. A mudança, portanto, nunca se dá em termos voluntaristas, depende da seleção, realizada pela própria sociedade. Para entrar na lógica comunicativa, dependem de aberturas narrativas que permitam que novas regras passem a reger a interação. Não se trata da abolição do quadro de regras antigo por um novo, mas de traços de outra lógica semântica de comunicação que entram na e são articulados pela lógica pretérita.

Ordem social e complexidade crescente

Assim como Eder, Jeffrey Alexander também trabalha com a cultura em termos de reflexividade e não de reflexo. Assim como o alemão, o estadunidense confere relativa autonomia às práticas significativas em relação à organização social. Para Alexander, seria justamente esse hiato que permitiria aos humanos dispor de alguma capacidade de alterar os sentidos estabelecidos das relações sociais. E aqui entra a primeira e, talvez, principal diferença entre os dois autores. O autor estadunidense confere relativa autonomia à cultura com o propósito de refletir sobre o voluntarismo implicado nas mudanças sociais. Para ele, seria somente via a separação entre cultura e sociedade que surgiria a possibilidade de pensar a dinâmica social em termos voluntaristas. Seria pela capacidade humana de se apropriar dos códigos culturais que surgiria a possibilidade de que os humanos passassem a agir como atores e não como autômatos.

Meu argumento ao longo desses volumes [*Theoretical logic in sociology*] era que você não poderia ter uma teoria voluntarista da ação – você não poderia respeitar a ideia de que pessoas tem um self e exercem agência, que elas podem desenvolver um senso de responsabilidade e um poder de crítica – sem tornar a cultura relativamente independente da estrutural social. Somente se as pessoas podem ir além do poder, por meio de princípios, narrativas, códigos e significados coletivos, somente se elas sentem que têm alguma propriedade ou potencial de fazer uso desses significados por elas mesmas, elas podem ser independentes das estruturas sociais.¹² (Alexander, em entrevista a Vandenberghe, 2019, pp. 29-30, tradução nossa).

No entanto, assim como a cultura, os atores são apenas relativamente autônomos. E o voluntarismo é matizado e limitado por Alexander ao longo das obras em que ele desenvolve o programa de pesquisa da sociologia cultural. Será levando em conta justamente essa relativa autonomia dos atores que Alexander afirmará, provavelmente em contraposição a Charles Tilly,

¹² Texto original: “My argument throughout these volumes [*Theoretical logic in sociology*] was that you couldn’t have a voluntaristic theory of action – you couldn’t respect the idea that people have a self and exercise agency, that they can develop a sense of responsibility and a power for criticism – without making culture relatively independent of social structure. Only if people can reach above power, towards principles, narratives, codes, and collective meanings, only if they feel they have some ownership or potential to make use of these meanings by themselves, can they be independent of social structures” (Alexander, interview by Vandenberghe, 2019, pp. 29-30)

que a cultura é menos uma caixa de ferramentas e mais um livro de histórias (*stories*). “Culture is less toolkit than storybook” (Alexander, 2004, p. 568).

Assim como Eder, Alexander busca levar em conta as bases semânticas que informam o debate racional, ou seja, a dimensão cultural que está por trás do embate argumentativo entre atores que se reconhecem reciprocamente. A retificação dos argumentos, portanto, tem como condição de possibilidade o *background* cultural (Alexander, 2004, p. 530). Citando *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte* (Marx, 1852/ 1984), obra já referida aqui para enfatizar que as sociedades mudam, mas não como querem, Alexander argumenta que o *background* cultural – as referências simbólicas profundas das representações coletivas – proveem as bases sobre as quais as *performances* e *contraperformances* de determinado momento se desenrolarão:

Marx ([1852] 1962, p. 247) observou que ‘apenas quando eles parecem engajados em revolucionar a eles mesmos e às coisas, em criar algo que nunca antes existiu’, atores sociais ‘ansiosamente conjuram os espíritos do passado ao seu serviço e lhes tomam emprestado seus nomes, gritos de guerra e trajes em prol da apresentação da nova cena da história mundial nesse disfarce consagrado e nessa linguagem emprestada’. Marx está descrevendo aqui os sistemas de representação coletiva que estão por trás de cada ato performativo¹³ (Alexander, 2004, p. 530, tradução nossa).

Qualquer iniciativa de mudança, portanto, não é possível em um vazio de significados. Para que as *performances* atinjam a audiência de modo a produzir extensão cultural e identificação psicológica nos espectadores, é impossível que não tenham como pano de fundo o conjunto de representações coletivas compartilhadas por determinada sociedade. Os ordenamentos sociais, com suas respectivas lógicas interacionais, dependem da legitimidade das posições garantidas pelo que é compreendido como justo e bom. Nesse sentido, as posições ocupadas pelos atores na sociedade precisam ser justificadas e a autoridade responsabilizada uma vez que sua manutenção depende de que seja continuamente simbolizada como justa e boa para o conjunto da sociedade.

¹³ Texto original: “Marx ([1852] 1962, p. 247) observed that ‘just when they seem engaged in revolutionizing themselves and things, in creating something that has never yet existed,’ social actors ‘anxiously conjure up the spirits of the past to their service and borrow from them names, battle cries, and costumes in order to present the new scene of world history in this time-honored disguise and this borrowed language’. Marx is describing here the systems of collective representations that background every performative act” (Alexander, 2004, p. 530).

De uma perspectiva sociológica-cultural, no entanto, abraçar a racionalidade como uma norma não significa observar a ação social como racional em termos empíricos. [...] Por que então os esforços críticos para questionar uma performance são quase sempre acompanhados de esforços criativos para montar contraperformances? [...] É preciso insistir que o poder social seja justificado e que a autoridade seja responsabilizada, mas também há que se reconhecer que até as sociedades mais democráticas e individualizadas dependem da habilidade de manter a crença coletiva. [...] Apenas se as performances atingirem a fusão elas podem revigorar os códigos coletivos, permitindo que eles sejam 'ubíquos e despercebidos, presidindo sobre o crescimento da mente da criança e interpretando para o homem maduro sua vida e lutas', como Nietzsche ([1872] 1956, pp. 136-137) astutamente observou¹⁴ (Alexander, 2004, p. 568, tradução nossa).

Embora Alexander e Eder trabalhem com uma concepção de racionalidade que diz respeito à interação agonista entre pessoas que se reconhecem reciprocamente, garantindo uma comunicação baseada no contraponto, de modo a que se retifiquem mutuamente e seus argumentos sejam concordantes quanto ao caráter de aumento da racionalidade e reflexividade garantida pela modernidade, os autores se distanciam quanto à concepção sobre o que garantiria aos atores envolvidos na interação o direito ao contra-argumento, permitindo a contestação mútua e a ação segundo uma lógica comunicativa mais aberta e afeita ao conflito e ao contraponto. Para Alexander, a modernidade seria caracterizada pelo aumento da complexidade social. E a complexificação seria o resultado do esforço de generalização de hierarquias sociais a uma população muito ampla (Alexander, 2004, pp. 537-540). Daí que, conforme as sociedades aumentam o seu número de membros e se diferenciam internamente, há maior fragmentação cultural e menor probabilidade de que as diversas pessoas compartilhem dos mesmos referenciais simbólicos (Alexander, 2004, p. 529). Surgem as subculturas, referenciais simbólicos que, embora em relação com o quadro cultural mais amplo, proveem um quadro de percepção segmentado e

¹⁴ Texto original: "From a cultural-sociological perspective, however, embracing rationality as a norm does not mean seeing social action as rational in an empirical way. [...] Why else are critical efforts to question a performance almost always accompanied by creative efforts to mount counterperformances in turn? [...] One must insist that social power be justified and that authority be accountable, but one also must acknowledge that even the most democratic and individuated societies depend on the ability to sustain collective belief. [...] Only if performances achieve fusion can they reinvigorate collective codes, allowing them to be "ubiquitous and unnoticed, presiding over the growth of the child's mind and interpreting to the mature man his life and struggles," as Nietzsche ([1872] 1956, p. 136-137) astutely observed" (Alexander, 2004, p. 568).

que alimenta a posterior interpretação parcial do quadro simbólico mais geral. “Para aqueles mais separados, nem a identificação psicológica nem a extensão cultural terão maior probabilidade de ocorrer. Interpretações fragmentadas de performances retroagem na construção de subculturas, provendo memórias que em contrapartida segmentam a percepção de performances posteriores”¹⁵ (Alexander, 2004, p. 565, tradução nossa).

Nesse sentido, o compartilhamento das referências simbólicas seria mais fácil em sociedades com menor número de membros, menor diferenciação social e cujos papéis sociais desempenhados no cotidiano fossem em grande medida fundamentados pelo quadro metafísico, compartilhado por todos e atualizado constantemente, imbricando, quase que de modo constante, o sagrado com o mundano. Ou seja, sociedades cuja subjetividade dos membros corresponderiam ao tipo de organização caracterizada por Stanner (1972, *apud* Alexander, 2004, p. 534) como tempo dos sonhos.

A explicação pode ser encontrada em seu tamanho e escala muito reduzidos; na natureza mais mítica e metafísica de suas crenças; e na natureza mais integrada e sobreposta de suas instituições, cultura e estruturas sociais. O pertencimento nas sociedades humanas mais antigas (Service, 1962; 1979) era organizado em torno dos eixos de parentesco, idade e gênero. Formando coletividades de 60 a 80 membros, as pessoas sustentavam-se por meio da caça e coleta e participavam de um pequeno conjunto de papéis sociais com os quais todas as pessoas eram muito bem familiarizadas¹⁶ (Alexander, 2004, p. 534, tradução nossa).

O compartilhamento simbólico seria mais fácil nas sociedades menos complexas porque seus membros, em alguma medida, estariam familiarizados com todos os papéis sociais desempenhados pelo grupo. Nesse contexto, a comunicação cultural se daria de modo repetido e simplificado. E tanto os parceiros diretos da interação quanto aqueles que a observam

¹⁵ Texto original: “For those separated further, neither psychological identification nor cultural extension will likely occur. Fragmented performance interpretations feed back into the construction of subcultures, providing memories that in turn segment perceptions of later performances” (Alexander, 2004, p. 565).

¹⁶ Texto original: “The explanation can be found in their much smaller size and scale; in the more mythical and metaphysical nature of their beliefs; and in the more integrated and overlapping nature of their institutions, culture, and social structures. Membership in the earliest human societies (Service 1962, 1979) was organized around the axes of kinship, age, and gender. Forming collectivities of 60 to 80 members, people supported themselves by hunting and gathering and participated in a small set of social roles with which every person was thoroughly familiar” (Alexander, 2004, p. 534).

compartilhariam crenças mútuas nos valores prescritivos e descritivos do conteúdo simbólico ali comunicado e aceitariam sem reservas as intenções dos envolvidos na interação (Alexander, 2004, p. 527).

Com os textos sagrados ligados à sociedade mundana, os papéis dos atores ligados aos papéis sociais, a performance expressando diretamente os textos simbólicos e a vida social, a participação obrigatória e a audiência homogênea e atenta, é dificilmente surpreendente que os efeitos das performances rituais tendiam a ser imediatos e só de modo pouco frequente se distanciavam das expectativas dos atores e dos roteiros¹⁷ (Alexander, 2004, p. 537).

São sociedades rituais, em que a interação não é percebida com ceticismo. Embora, como Alexander argumenta (2004, p. 534), os rituais nas sociedades simples sejam *performances* sociais, como também acontece nas sociedades complexas, seus membros não conferem à comunicação o caráter de *performance* no sentido pejorativo – artifício cênico de convencimento (Alexander, 2004, p. 529). São *performances* dramáticas, mas os membros das sociedades mais simples não conferem a essas *performances* o caráter de drama. Ou seja, não percebem a dramatização como uma encenação cujo significado é interno à própria encenação, cujos motores da ação são artifícios cênicos.

No drama, o significado e as consequências da ação se desdobram e nesse sentido são causados pelo desafio teatral da *mise-en-scene*: ‘No drama, a linguagem é integrada com a ação e a mudança é mostrada como consequência daquela ação’. Nos ritos egípcios, por contraste, assim como nos dos aborígenes de Durkheim, o ‘propósito é traduzir a atualidade na forma invariável do mito... Os deuses aparecem e falam uma vez mais as palavras que eles falaram ‘da primeira vez’ (Frankfort, 1948, pp. 135-136). É a atualidade do mito que marca o ritual¹⁸ (Alexander, 2004, p. 541).

¹⁷ Texto original: “With sacred texts tied to mundane society, actors’ roles tied to social roles, performance directly expressing symbolic text and social life, obligatory participation, and homogeneous and attentive audiences it is hardly surprising that the effects of ritual performances tend to be immediate and only infrequently depart from the expectations of actors and scripts” (Alexander, 2004, p. 537)

¹⁸ Texto original: “In drama, the meaning and consequences of action unfold, and in this sense are caused by, the theatrical challenge of *mise-en-scene*: ‘In drama, language is integrated with action and a change is shown to be a consequence of that action’. In Egyptian rites, by contrast, as in Durkheim’s Aboriginal ones, the ‘purpose is to translate actuality in the unchanging form of myth... The gods appear and speak once more the words they spoke ‘the first time’ (Frankfort 1948, pp. 135–136). It is the actuality of myth that marks ritual” (Alexander, 2004, p. 541).

Por outro lado, buscando justificar a autoridade e a diferenciação de papéis sociais para uma população muito mais ampla, as sociedades complexas lançariam mão de dispositivos de projeção cultural não previstos pelas sociedades mais simples, como a escrita. Se os avanços tecnológicos permitiam uma maior produção, a transformação desse excedente de produção em produtos e sua inserção no mercado em prol da obtenção de lucros demandava um projeto cultural diverso, uma outra semantização do produto e das relações interpessoais. Para que a produção fosse pautada pela busca do excedente, novas motivações tiveram que surgir. “A criação do excedente dependia de novas motivações, que só poderiam vir à tona por meio da criação de performances simbólicas para persuadir os outros, não pela coerção material”¹⁹ (Alexander, 2004, p. 538, tradução nossa).

Todavia, para que houvesse a generalização da diferenciação e da hierarquização social pautadas pela produção de excedentes, os códigos simbólicos que embasavam esse modo de relacionamento interpessoal e das pessoas com o mundo necessitavam de algum mecanismo para se descolar do contexto local. E foi a escrita que permitiu e demandou a descontextualização e a generalização das representações coletivas. Por meio dela, as regras poderiam ser abstraídas de contextos locais e ser dirigidas a audiências muito mais amplas e distantes entre si no espaço.

De acordo com Goody (1986, p. 12), a emergência da cultura baseada em texto permitiu e demandou ‘a descontextualização ou generalização’ das representações coletivas, que em sociedades orais eram interligadas de modo mais estreito com as estruturas sociais locais e significados. Com a escrita, o ‘contexto comunicativo mudou dramaticamente tanto no que diz respeito ao emissor quanto aos receptores’ (1986, p. 13): ‘Em sua própria natureza as declarações escritas da lei, das normas, das regras, tiveram que ser abstraídas de situações particulares de modo a serem dirigidas a uma audiência universal lá fora, ao invés de serem entregues face a face para um grupo específico de pessoas em um lugar e tempo particulares’ (1986, p. 13). Somente projeções simbólicas para além do local poderiam permitir que grupos a usassem o excedente econômico para criar sociedades mais segmentadas, desiguais e

¹⁹ Texto original: “The creation of surplus depended on new motivations, which could come about only through the creation of symbolic performances to persuade others, not through their material coercion” (Alexander, 2004, p. 538).

diferenciadas. Sem a capacidade de tais projeções ideológicas, de que outro modo esses tipos de ordens sociais mais fragmentadas poderiam ser coordenados, e muito menos integrados de modo assimétrico?²⁰ (Alexander, 2004, p. 538, tradução nossa).

Com o advento da escrita, no entanto, surge também a diferença no acesso aos meios simbólicos de reprodução da sociedade. O suporte escrito demanda alfabetização e acesso a textos em um momento em que os materiais que lhe servem de suporte são caros e de difícil acesso. Dada essa dificuldade no acesso, surgem elites letradas que atuam para a manutenção da interpretação dos textos. Por outro lado, o estabelecimento dessa cisão entre autoridades letradas e o restante da população atua de modo a distanciar grande parte do grupo do repertório simbólico que informa suas práticas cotidianas. A atualização do repertório simbólico passa a depender de um número menor e privilegiado de atores. Se essa diferença no acesso implica na produção e reprodução de assimetrias no âmbito simbólico, entra também o distanciamento da população mais ampla do repertório e o ceticismo quanto às interpretações. A autoridade, a partir de então, deixa de ser algo dado e compreendido quase imediatamente pelos membros da comunidade, dada a familiarização de todos os membros com os papéis prescritos a cada um deles, e passa a depender do convencimento, por parte dos que detêm os meios simbólicos de reprodução social, de que eles são efetivamente os legítimos detentores da tradição.

Com a ‘relativa autonomia da esfera religiosa e seu ‘desenredamento’ da comunidade total e das outras esferas institucionais’, tudo sobre a legitimação política mudou. A sacralidade das elites econômicas, políticas e ideológicas agora passa a ter de ser conquistada e não prescrita. Como Eisenstadt colocou, as elites agora ‘tentavam manter o

²⁰ Texto original: “According to Goody (1986, p. 12), the emergence of text-based culture allowed and demanded ‘the decontextualization or generalization’ of collective representations, which in oral societies were intertwined more tightly with local social structures and meanings. With writing, the ‘communicative context has changed dramatically both as regards the emitter and as regards the receivers’ (1986, p. 13): ‘In their very nature written statements of the law, of norms, of rules, have had to be abstracted from particular situations in order to be addressed to a universal audience out there, rather than delivered face-to-face to a specific group of people at a particular time and place’ (1986, p. 13). Only symbolic projection beyond the local would allow groups to use economic surplus to create more segmented, unequal, and differentiated societies. Without the capacity for such ideological projection, how else would these kinds of more fragmented social orders ever be coordinated, much less integrated in an asymmetrical way? (Alexander, 2004, p. 538).

domínio' (1963, p. 65); este não lhe era mais dado automaticamente²¹ (Alexander, 2004, p. 539).

O que se opera, em termos históricos, é uma desfusão dos elementos da *performance*: repertórios simbólicos, meios de produção simbólica, interpretações dos repertórios, hierarquias sociais, atores, montagem da *performance* e audiência não mais se relacionam cotidianamente e atualizam o repertório no movimento diário da sociedade. Não são mais os próprios atores que encenam seus próprios papéis sociais, é uma autoridade que lhes prescreve como agir em sociedade. Os papéis deixam de ser simplesmente assumidos por aqueles que os ocupam e passam a ser projetados por uma autoridade. Além disso, os atores também não têm mais consciência de todos os papéis a serem desempenhados por eles e pelos outros.

Nos termos do modelo que estou desenvolvendo aqui, essas considerações empíricas sugerem a desfusão entre os elementos da *performance*: (1) a separação dos textos escritos de primeiro plano [*foreground*] das representações coletivas de fundo [*background*]; (2) o afastamento dos meios de produção simbólica da massa dos atores sociais; e (3) a separação das elites que realizavam ações simbólicas centrais de suas audiências de massa. A aparência de fluidez que fazia com que as ações simbólicas parecessem ritualísticas abre espaço para uma aparência de um maior artifício e planejamento²² (Alexander, 2004, p. 539-540).

A desfusão dos elementos da *performance*, nesse sentido, implica também maior escrutínio do poder reivindicado pelas autoridades. Se o mundo não é mais dado, mas precisa ser justificado, há boas e más justificativas. A desnaturalização da autoridade implica constante necessidade de

²¹Texto original: "With the 'relative autonomy of the religious sphere and its 'disembeddedness' from the total community and from the other institutional spheres,' everything about political legitimation has changed. The sacredness of the economic, political, and ideological elites now has to be achieved, not assigned. As Eisenstadt put it, these elites now 'tried to maintain dominance' (1963, p. 65); it was not given automatically to them" (Alexander, 2004, p. 539).

²²Texto original: "In terms of the model I am developing here, these empirical accounts suggest de-fusion among the elements of performance: (1) the separation of written "foreground texts from background collective representations; (2) the estrangement of the means of symbolic production from the mass of social actors; and (3) the separation of the elites who carried out central symbolic actions from their mass audiences. The appearance of seamlessness that made symbolic action seem ritualistic gives way to the appearance of greater artifice and planning" (Alexander, 2004, pp. 539-540).

justificação, por parte daqueles que ocupam posições privilegiadas, de que o seu lugar é legítimo. Surgem, portanto, mais conflitos a respeito dos papéis desempenhados. Principalmente quando a elite letrada diverge sobre os quadros simbólicos de orientação do mundo. Daí o surgimento do drama na Grécia Antiga. A fim de colocar sob escrutínio a atuação dos outros membros da elite, as *performances* se tornam críticas do exercício do poder e abordam problemas relacionados à corrupção, virtude cívica etc.

De Ésquilo a Sófocles e Eurípedes, o drama trágico grego (Jaeger, 1945, pp. 232-381) abordava a virtude cívica e a corrupção, perscrutando se existia uma ordem natural moral mais poderosa do que a fatalmente falha ordem da vida social humana. Essas questões eram fundamentais para a sustentação da regra da lei e de uma vida civil independente e democrática²³ (Alexander, 2004, p. 542)

Ainda que dentro de uma ordem social hierárquica, a elite grega, internamente, é democrática. Tem que justificar suas posições perante uma audiência que também dispõe de autoridade interpretativa. Surge, nesse momento, uma outra concepção de si, um *self* diverso daquele do tempo dos sonhos, existente nas sociedades menos complexas. Ainda que compondo uma parcela diminuta da sociedade, os atores da elite ilustrada passam a se comportar de modo mais conflituoso. Os elementos da *performance*, encenada para justificar a legitimidade da autoridade, tornam-se mais evidentes e sujeitos ao ceticismo e ao escrutínio público. É nesse momento que começam a surgir pessoas especializadas tanto no desempenho da *performance* (o ator), quanto na crítica (os vários tratados sobre a arte cênica).

Em comparação com as hierarquias fundidas e prescritivas que governavam as sociedades urbanas nos impérios asiáticos, na Grécia surgiram estruturas urbanas de um tipo novo e mais republicano. Elas eram organizadas e governadas por elites, sem dúvida, mas essas elites eram internamente democráticas. [...] Essas novas formas de diferenciação organizacional e cultural promoveram, segundo Schachermeyr, um ‘espírito

²³ Texto original: “From Aeschylus to Sophocles to Euripedes, Greek tragic drama (Jaeger 1945:232–381) addressed civic virtue and corruption, exploring whether there existed a natural moral order more powerful than the fatally flawed order of human social life. These questions were critical for sustaining the rule of law and an independent and democratic civil life” (Alexander, 2004, p. 542).

revolucionário’ que se engajou em ‘uma luta constante contra as formas monárquicas, ditatoriais ou oligárquicas de governo’.

Esta abertura marcante do espaço social e cultural centrou a atenção na dimensão projetiva e performativa da ação social, sujeitando as performances ritualizadas da vida mais tradicional a um maior escrutínio e tensão (por exemplo, Platão 1980) [...] Nós de fato vemos a desfusão dos elementos da performance em termos concretos. Eles tornaram-se mais do que analiticamente identificáveis: a sua separação empírica tornou-se institucionalizada em formas especializadas de estrutura social e disponível para a reflexão do senso comum na vida cultural²⁴ (Alexander, 2004, p. 541).

O escrutínio público da atuação das elites, por seu turno, leva para o âmbito performático não apenas os contos mitológicos, de deuses, mas também a rotina diária da sociedade. As *performances* se secularizam. Surgem heróis semideuses e humanos na encenação. As interpretações do *background* cultural, os *scripts*, se descolam da vida religiosa e passam a figurar problemas cotidianos. E, conforme a vida cotidiana era tematizada, também suas tensões apareciam na esfera pública, tornando-se objeto de disputa (Alexander, 2004, p. 542). Em um movimento reflexivo, retornavam à sociedade como metáforas para que os membros do grupo repensassem as suas práticas e conflitos diários (Alexander, 2004, p. 544). Daí a afirmação de Alexander de que a crítica secular não emergiu apenas da filosofia racionalista e/ou dos debates argumentativos dos cafés urbanos, mas também das *performances* teatrais, capazes de projetar valorações morais ao mesmo tempo que entretinham a plateia (Alexander, 2004, p. 544).

A dimensão crítica e conflitiva da vida social surge com a desfusão dos elementos da *performance* devido às disputas pelo poder. A legitimidade da ordem social deixa de ser garantida e precisa ser legitimada continuamente

²⁴Texto original: “As compared to the fused and ascriptive hierarchies that ruled urban societies in the Asian empires, in Greece there emerged urban structures of a new, more republican kind. They were organized and ruled by elites, to be sure, but these elites were internally democratic. [...] These new forms of organizational and culture differentiation fostered, according to Schachermeier, a ‘revolutionary spirit’ that engaged in ‘a constant fight against the monarchical, dictatorial, or oligarchic forms of government’.

^{This} marked opening up of social and cultural space focused attention on the projective, performative dimension of social action, subjecting the ritualized performances of more traditional life to increased scrutiny and strain (e.g., Plato 1980) [...] We actually see the de-fusion of the elements of performance in concrete terms. They became more than analytically identifiable: their empirical separation became institutionalized in specialized forms of social structure and available to common sense reflection in cultural life” (Alexander, 2004, p. 541).

por *performances* sociais que são vistas com ceticismo. A audiência as percebe não mais como rituais, mas como dramas. É esse o conceito de desfusão – a separação e o distanciamento entre os vários elementos envolvidos nas encenações em busca da legitimação de determinada ordem social.

Nesse novo mundo, orientado pelo conflito aberto em torno da legitimidade da ordem, o *background* cultural, o profundo repertório simbólico de representações coletivas, não mais encontra extensão cultural automática entre os membros da sociedade. Em outras palavras, a sociedade deixa de se identificar imediatamente com seus referenciais simbólicos e estes passam a ser objeto de disputa em encenações que buscam legitimar determinado modo de organização social. Na separação entre os elementos da *performance*, o *background* cultural, a partir de então, passa a ser interpelado e não mais atualizado cotidianamente. Na interpelação entra a força interpretativa dos atores. Dada a articulação realizada por Alexander entre autonomia relativa da cultura e voluntarismo, o ator, embora não seja capaz de significar suas ações sem se ater ao *background* cultural, dispõe, ainda assim, de uma capacidade interpretativa que lhe permite trabalhar com os referenciais simbólicos de modo a defender uma posição não compartilhada por todos os elementos de determinada sociedade. Parece residir aí a sua defesa da posição analítica (Botelho, 2013, p. 13). Ou seja, de que os significados culturais ganham validade a partir de sua retomada por atores que os interpelam desde o presente.

É, portanto, no relativo hiato formado entre as representações coletivas profundas e a interpretação dessas representações a partir de questões do presente, distância possibilitada pela desfusão, que reside a capacidade crítica dos atores. Entendendo a racionalidade como o diálogo orientado pelo conflito e pelo contraponto, a teoria de Alexander parece apontar para o argumento de que sua condição de possibilidade é a separação dos elementos das *performances*, fato que garante aos espectadores certo distanciamento em relação às encenações de legitimidade e o ceticismo necessário para que as observem criticamente, possibilitando, inclusive, que montem *contraperformances*. Daí que as análises empíricas do autor se voltem para grandes personalidades, são os grandes intérpretes que conseguem controlar a contingência da *performance* (Alexander, 2004, p. 531) e estabelecer novas convenções de interação. É, portanto, pela interpretação do *background* cultural realizada por um indivíduo ou grupo extraordinário que a fusão entre os elementos historicamente separados pelo processo de complexificação e diferenciação social é atingida e a extensão

cultural e a identificação psicológica da audiência com os papéis encenados se torna bem-sucedida.

O mundo de Alexander, nesse sentido, é um mundo de grandes indivíduos que se portaram de modo exemplar em situações difíceis. São os indivíduos, tratados como heróis, que se tornam a referência para a ação no mundo. É às grandes personalidades que a audiência olha e se identifica para se portar na vida cotidiana. “Obama ‘tiene el don de hacer que las personas se vean en él’. Claro, es precisamente tal identificación la que permite la representación colectiva, cuando la interpretación del candidato se hace tan poderosa que permite la fusión con el auditorio” (Alexander, 2009, p. 110) based more on the meaning of the discursive interpretations, narratives created for the moment (catastrophic, triumphant or messianic that can assure a connection of the present with the future.

E, por mais que essas grandes personalidades não sejam autônomas em sua ação performática, uma vez que necessitam lançar mão das representações coletivas profundas para que sua atuação seja relevante semanticamente e estabeleça a comunicação com a audiência, há, na teoria do estadunidense, uma grande margem para a ação interpretativa individual. E as convenções são estabelecidas pelas grandes *performances* dos grandes indivíduos, que se tornarão o parâmetro para as *performances* futuras.

Um aprendiz admira um grande carpinteiro: ‘Se eu apenas pudesse aprender a fazer uma junta como o Smithie’. Um atleta jovem se fixa em um mais velho, muito mais bem-sucedido, que por sua vez se ‘apaixonou’ por um grande profissional. Uma jovem acadêmica tem seus ícones pessoais na sua disciplina escolhida. Assim como um jovem chef. [...] Nós sabemos como um homem honesto se parece. Nós temos ícones de honestidade assim como de fraude, e a cultura popular reproduz novas e velhas versões deles a todo momento. Nós exigimos que a sociedade crie ícones quando desejamos lembrar algum indivíduo, evento ou coisa notável, ou para memorizar nossa recuperação de algum trauma social tortuoso²⁵(Alexander, 2008, p. 9-10, tradução nossa)

²⁵ Texto original: “An apprentice admires a great carpenter: ‘If I could only learn to turn a joint like Smithie.’ A young athlete fixates on an older, much more accomplished one, who in turn has ‘fallen in love’ with a great professional. A young scholar has her personal icons in her chosen discipline. So does a young chef. [...] We know what an honest man looks like. We have icons of honesty as well as deceit, and popular culture reproduces new and old versions of them all the time. We demand that society create icons when we wish to remember some particularly outstanding individual, event or thing, or to memorialize our recovery from some tortuous social trauma” (Alexander, 2008, p. 9-10).

Esta é uma concepção da dinâmica da vida social em grande medida diversa da de Klaus Eder. Também o alemão imputa à racionalidade, entendida como interação pautada pela lógica da contraposição, um papel fundamental na alteração dos sentidos da ordem social. No entanto, em Eder, a racionalidade não é percebida como um distanciamento cético. Não se trata, em sua teoria, de uma capacidade individual surgida pelo distanciamento dos indivíduos de seus *backgrounds* culturais. Ao contrário, a racionalidade é uma lógica interativa, ou seja, um conjunto de regras que orientam o sentido da interação de modo que ela se perpetue no tempo. As pessoas envolvidas desenvolvem contrapontos porque essa é a lógica interna do movimento e não porque de algum modo ganharam independência, ainda que relativa, a ele.

A crítica, em Eder, não é o mero contraponto, mas a retificação, a interpelação dos códigos de interação para que digam mais, que deem conta de mais aspectos do mundo. Daí o seu foco no aprendizado. Aprendizado implica acúmulo e retificação dos erros. Vale ressaltar, todavia, que, em Eder, a retificação não dispõe de um sentido unívoco e linear. Não se trata do acúmulo progressivo e teleológico das reflexões iluministas, mas de variações, propostas alternativas surgidas do repertório narrativo pretérito em um sentido mais de ramificação do que de linearidade. Daí o argumento de Eder de que há, em um mesmo contexto sincrônico, uma grande variedade de sentidos possíveis, dentre os quais a sociedade, em seu próprio movimento, selecionará o que lhe cabe melhor naquele momento.

No entanto, muito aprendizado implica muito risco, daí os diversos movimentos de bloqueio. Mas não só, daí também a convivência mútua entre aprendizado e bloqueio, distintos não por momentos estanques, mas por graus de predominância. Em ambos os casos, aprendizado e bloqueio, o que está em jogo é a continuidade da interação. São as lógicas internas da interação que, por vezes, penderão mais para o bloqueio do que para o aprendizado. Não há distanciamento, mas operações internas, tanto de crítica quanto de bloqueio. E mesmo as ramificações mais imprevistas têm como condição de possibilidade uma narrativa pretérita estruturada sequencialmente, o que limita o horizonte de ramificações possíveis.

Considerações intermediárias

Como estabelecido na introdução, o objetivo do artigo foi o de refletir sobre vertentes contemporâneas das ciências sociais que consideram o caráter narrativo do fazer-se da sociedade. Mais particularmente, as propostas teóricas de Klaus Eder e de Jeffrey Alexander. Ambos os autores enfatizam a dimensão semântica e narrativa da vida social e, nesse movimento, mobilizam, em suas respectivas teorias, fundamentos retirados da linguística (Eder, 2007; Alexander em Vandenberghe, 2019, pp. 20-21).

Para Eder, a virada linguística foi fundamental para que a dimensão pragmática da linguagem fosse percebida como regulada por regras implícitas à própria linguagem. Infletida pela abordagem sociológica, essa dimensão de autorregulação da linguagem é pensada em termos do regramento do reconhecimento do outro (Eder, 2007, p. 398). A troca de informações, nesse sentido, depende do estabelecimento de regras de reconhecimento recíproco e a sociedade surge como um modo de auto-organização das relações sociais (Eder, 2007, p. 404).

Alexander, por outro lado, embora também conferindo independência analítica à dimensão cultural e tratando a cultura como um texto independente de seus autores, infletirá sociologicamente os fundamentos da linguística enfatizando a capacidade interpretativa dos atores sociais. São eles que mudam o mundo, alargando ou restringindo a esfera de reconhecimento. Nesse sentido, o estadunidense combina em sua teoria o estruturalismo francês, atentando-se aos códigos binários que estruturam os significantes, com a hermenêutica, enfatizando a capacidade humana de tecer significados, ainda que limitados em termos estruturais pelos códigos binários de significação, resultando em uma abordagem hermenêutica estrutural. No entanto, como ele não prevê no seu quadro teórico a alteração da estrutura de significação, todo o peso da mudança social acaba por incidir sobre a capacidade interpretativa dos atores sociais.

Juntos, os códigos binários (no eixo paradigmático) e as narrativas (eixo sintagmático) formam a linha de base da hermenêutica estrutural. Eles indicam um novo modo de ler a política como uma história (*story*) em desdobramento, na qual heróis e vilões lutam pelas definições dos eventos, atores e situações²⁶ (Vandenberghe, 2019, p. 22).

²⁶ Texto original: "Together, the binary code (on the paradigmatic axis) and the narratives (syntagmatic axis) form the baseline of structural hermeneutics. They indicate a new way of reading politics as an unfolding story in which heroes and villains struggle for the definition of events, actors and situations" (Vandenberghe, 2019, p. 22).

À diferença de Eder, para quem as sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar, em Alexander, o ator social ganha tanta margem de atuação no ato de tecer significados, que o mundo pode se alterar de forma súbita e ter os polos de significação invertidos de uma hora para outra, a depender da força interpretativa e persuasiva da *performance*. É um mundo que combina uma fixidez profunda (dos códigos binários de estruturação) com um altíssimo grau de contingência.

Eder, por sua vez, busca atentar-se justamente para as possibilidades de bloqueios de futuro. Para os mecanismos de redução da contingência. E uma referência recorrente em seus textos (Eder, 2012, 2023) é o artigo de Peter Bearman, Robert Faris e James Moody, “Blocking the future” (1999), em que os autores defendem uma abordagem metodológica da história, para ter em vista os mecanismos sociais que ordenam a vida, de modo a limitar os possíveis efeitos borboleta (Bearman, Faris & Moody, 1999, p. 508). A contingência, ainda que seja inevitável, devido ao constante fluxo de acontecimentos no mundo, e seja fundamental para o aprendizado, nunca deixa de ser controlada. Daí a crítica de Eder a abordagens como as de Chantal Mouffe (2013), que tratam a esfera pública como um campo de disputas sociais. Pare ele, tratar a esfera pública como inerentemente conflituosa deixaria de lado a capacidade da sociedade em bloquear a comunicação com outros atores a fim de manter sua integridade operativa e diminuir os riscos de ruptura.

Esta proposição [Mouffe, 2013] deixa em aberto a questão da capacidade autolimitadora das regras agonísticas do jogo quando resultados irracionais o dominam. Quanto mais se espalha entre as pessoas a desilusão em relação aos resultados benevolentes advindos do engajamento das pessoas na esfera pública, mais a esfera pública se transforma num espaço para o zelo missionário pelos próprios argumentos ou para o sarcasmo devastador sobre o que é a vontade do povo²⁷ (Eder, 2023, p. 138).

E esse controle da contingência é articulado à percepção de que os atores sociais não dispõem daquela grande capacidade interpretativa conferida por Alexander. Ao contrário de um *background* cultural algo solto, a ser

²⁷ Texto original: “This proposition [Mouffe, 2013] leaves open the question of the self-limiting capacity of the agonistic rules of the game when unreasonable outcomes dominate the game. The more disillusioning about the benevolent outcomes of people engaging in the public sphere spreads among a people, the more the public sphere turns into a space for missionary zeal for one’s arguments or devastating sarcasm about what the will of the people is” (Eder, 2023, p. 138).

articulado pelo intérprete em suas *performances*, Eder teoriza a cultura como uma narrativa enredada sequencialmente, cujas ramificações são limitadas pelas sequências pretéritas. O ator social, portanto, quer seja o indivíduo, os grupos, as organizações ou as instituições, não dispõe da capacidade de tecer os significados no presente de modo muito contingente. O acúmulo pretérito organizado temporalmente limita fortemente a capacidade interpretativa. Nesse sentido, as mudanças sociais, além de serem limitadas pela sequência estruturada que organiza atores, objetos e eventos, não acontecem de acordo com as vontades individuais, mas sim pela seleção, conforme a própria lógica interacional da sociedade, daquilo que funciona em determinado momento. O papel dos indivíduos, grupos, organizações e instituições é fornecer possibilidades de futuro alternativas, mas não de forçar uma mudança no sentido pretendido, dado que aqueles não dispõem dessa capacidade voluntarista de mudar o mundo. Sua atuação é sempre de dentro da interação e depende de que suas inovações sejam selecionadas pela lógica autônoma do funcionamento da sociedade.

Nesse sentido, olhando a teoria de Alexander a partir de Eder, suas propostas parecem apenas um tipo especial dentro de um quadro narrativo mais plural. Se as narrativas, para Eder, conferem papéis especiais para que determinados atores e grupos atuem nos momentos de incerteza, o quadro de significação herói/vilão e sagrado/profano é apenas uma possibilidade de estruturação da interação dentre outras. Há também narrativas estruturadas em termos mais inclusivos, em que quem desempenha o papel do reparo social são unidades de ação mais plurais (assembleias democráticas, comunidades solidárias etc.) (Eder, interviewed by Carlson, 2020, p. 107). Além de narrativas que operam não pelo par sagrado/profano, e o movimento interacional opera justamente com o impuro, possibilitando o estabelecimento de pontes com outros grupos (Eder, 2023, p. 150). Mais que isso, como aprendizado e bloqueio funcionam, na proposta de Eder, em termos de graus e não de antinomia, é possível pensar em zonas ou esferas de uma sociedade onde há maior inclusividade e possibilidade de desestabilização das autoconcepções muito fechadas sobre ela mesma. Que, por meio da reflexividade, podem alterar as narrativas básicas mais gerais que a sociedade tem sobre si mesma.

Referências

- Alexander, Jeffery C. (2004) Cultural Pragmatics: Social Performance between Ritual and Strategy. *Sociological Theory*, 22(4), 527–573.
- Alexander, Jeffery C. (2008) Iconic experience in art and life: Surface/depth beginning with Giacometti's standing woman. *Theory, Culture & Society*, 25(5), 1–19.
- Alexander, Jeffery C. (2009) Hacerse héroe en la batalla democrática por el poder. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 51(207), 105–115. <https://doi.org/10.22201/fcpys.2448492xe.2009.207.41018>
- Bearman, Peter, Faris, Robert, & Moody, James. (1999) Blocking the future: New solutions for old problems in historical social science. *Social Science History*, 23(4), 501–533.
- Botelho, André. (2013) O universo dinâmico dos clássicos da sociologia. In: BOTELHO, A. (Org.) *Essencial sociologia*, 1. ed. São Paulo, Penguin Classics Companhia das Letras.
- Botelho, André. (2019) *O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Botelho, André, & Hoelz, Maurício. (2016). Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. *Tempo Social*, 28(3), 263–287. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106017>
- Botelho, André, & Hoelz, Maurício. (2022). *O modernismo como movimento cultural: Mário de Andrade, um aprendizado*. Petrópolis, Vozes.
- Brasil Jr., Antonio. (2015). As ideias como forças sociais: sobre uma agenda de pesquisa. *Sociologia & Antropologia*, 5(2), 553–574. <https://doi.org/10.1590/2238-38752015v5210>
- Brasil Jr., Antonio. (2024) Como é possível uma ordem social que não esteja amparada nem na fraude nem na violência? *Blog da BVPS*. Disponível em: <https://blogbvps.com/2024/10/16/homenagem-como-e-possivel-uma-ordem-social-que-nao-esteja-amparada-nem-na-fraude-nem-na-violencia-por-antonio-brasil-jr/>. Acesso em: 26/03/2025.
- Brasil Jr., Antonio, & Carvalho, Lucas C. (2020). O impacto da sociologia: cultura de citações e modelos científicos. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 8 n. 20, p. 248-269. <https://doi.org/10.20336/rbs.700>
- Eder, Klaus. (2001). As sociedades aprendem, mas o mundo é difícil de mudar. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (53), 5–28. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452001000200002>

- Eder, Klaus. (2007). Cognitive sociology and the theory of communicative action: The role of communication and language in the making of the social bond. *European Journal of Social Theory*, 10(3), 389–408.
- Eder, Klaus. (2009). Rational action, communicative action, and the narrative structure of social life: the social embeddedness of discourse and markets - A theoretical essay. In: S. Ó Tuama (ed.). *Critical turns in critical theory: new directions in social and political thought*. (p. 63-80). Tauris Academic Studies, Palgrave Macmillan.
- Eder, Klaus. (2012) Europe as a narrative network: Taking the social embeddedness of identity constructions seriously. In: S. Lucarelli, F. Cerutti, & V. Schmidt (eds.). *Debating political identity and legitimacy in the European Union*. Routledge.
- Eder, Klaus. (2023). Pandora's box: The two sides of the public sphere. *European Journal of Social Theory*, 26(2), 136–152.
- Eder, Klaus, & Carlson, S. (2020). Europe as a narrative laboratory. Klaus Eder on European identity, populist stories, and the acid bath of irony. *Culture, Practice & Europeanization*, 5(1), 102–117.
- Marx, Karl. (1984). *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. “Avante!” Edições Progresso.
- Mouffe, Chantal. (2013). *Agonistics: Thinking the world politically*. Verso.
- Pereira, Alexandre B. (2024). *Outros românticos? Mário de Andrade e o Romantismo*. Dissertação. (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Smith, Tammy. (2007). Narrative boundaries and the dynamics of ethnic conflict and conciliation. *Poetics*, 35(1), 22–46.
- Vandenberghe, Frédéric. (2019). From journalism to cultural sociology (and back via Parsons): an interview with Jeffrey Alexander. *Sociologia & Antropologia*, 9(1), 15–40. <https://doi.org/10.1590/2238-38752019v911>

Recebido: 1º abr., 2025.

Aceito: 23 jul. 2025.



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)